

O Sítio Arqueológico Alcobaça, Buíque Pernambuco: primeiros resultados

Ana NASCIMENTO; Cláudia ALVES e Suely LUNA*

Resumo: Trata-se de um informe preliminar acerca do sítio arqueológico Alcobaça, localizado no município de Buíque, no Estado de Pernambuco, Brasil. Na primeira fase foi realizado o levantamento topográfico e dos painéis de pinturas rupestres e uma sondagem com o objetivo de conhecer o potencial arqueológico assim como a crono-estratigrafia do sítio. O material coletado na pré-escavação é composto por restos vegetais (fibras trançadas, endocarpo de palmáceas, fragmentos de cabaça, madeira carbonizada), vestígios animais (ossos, penas, insetos, etc.), fragmentos de ocre, fragmento de cerâmica, pilão de pedra, batedor de quartzo e uma sepultura contendo ossos humanos parcialmente carbonizados. As datações obtidas do carvão vegetal coletado na sepultura são de 1.766 ± 24 B.P (CSIC 1026) e 1.785 ± 49 B.P (CSIC 1070).

Palavras-chave: Pré-história do Nordeste brasileiro, grafismos rupestres, sítio cemitério.

Observando o estado atual das pesquisas arqueológicas no Nordeste brasileiro, podemos ver que apesar do cadastramento de centenas de sítios arqueológicos, apenas uma pequena parte foi total ou parcialmente escavado. Isto quer dizer que, apesar do conhecimento geral de algumas áreas arqueológicas onde se situa a tradição Agreste de pintura rupestre, se sabe muito pouco a respeito dos grupos humanos pré-históricos que deixaram esses vestígios pictóricos e artefatuais. Na maioria dos sítios conhecem-se apenas os caracterizadores iniciais, alicerçados, principalmente, nos registros rupestres, não se tendo ainda dados suficientes obtidos de trabalhos de escavação, isto é, dados contextualizados, tanto espacial quanto temporalmente, que juntamente com os registros picturais, forneçam as bases para a caracterização dos grupos humanos que habitaram a área em estudo.

O nome **tradição Agreste** deve-se à grande concentração de sítios com pinturas rupestres localizados nos pés de serra, várzeas e "brejos" da região agreste de Pernambuco e do sul da Paraíba, mas, na verdade, trata-se de uma tradição rupestre extremamente difundida por todo o Nordeste, tanto nos "agrestes" como nas áreas sertanejas semi-áridas.

* Núcleo de Estudos Arqueológicos - UFPE

As principais características dessa tradição são os grafismos de grande tamanho, geralmente isolados, sem formar cenas e, quando estas existem, apresentam-se compostas por poucos indivíduos ou animais. Grafismos puros, simples ou muito elaborados, dependendo das sub-tradições ou das variedades, acompanham os grafismos de ação sejam eles antropomorfos ou zoomorfos. Grafismo emblemático da **tradição Agreste** é a figura de antropomorfo, às vezes de grande tamanho (pode atingir mais de um metro de altura) de aspecto grotesco, estático e geralmente isolado, assemelhando-se à uma figura totêmica. Entre os zoomorfos, dificilmente as espécies podem ser reconhecidas e raramente é possível atribuir-se às figuras de animais designações mais precisas e com maiores detalhes qualificativos do que "aves" ou "quadrúpedes". Porém são identificáveis os grafismos que representam quelônios e lagartos. Peixes também aparecem com desenhos esquemáticos de poucos detalhes.

Outro grafismo que, dependendo das regiões, é mais ou menos comum, e que pode também ser considerado como emblemático da **tradição Agreste**, é a figura de um pássaro de longas penas e asas abertas, cujo antropomorfismo sugere a representação de um homem-pássaro. Outros, mais singelos, simplificam o desenho das asas através de uma linha horizontal cortada por linhas verticais que representam as penas, enquanto que outras apresentam longas antenas. As marcas de mãos em positivo e, às vezes, também de pés, distribuídas em vários lugares dos painéis, principalmente na parte superior dos mesmos, são também uma característica marcante na **tradição Agreste**. Dependendo das sub-tradições, essas marcas foram realizadas com as mãos propositadamente pintadas com um desenho e não apenas manchadas de tinta, dando-se, assim, o aspecto de um carimbo em forma de mão. Grafismos puros labirínticos ou em forma de grades, espirais e linhas sinuosas de vários tamanhos e que, aparentemente, não guardam nenhuma relação entre si, são também elementos que nos levam a identificar as pinturas rupestres da **tradição Agreste**.

Em Pernambuco, a ocorrência de sítios arqueológicos com grafismos rupestres da **tradição Agreste**, situa-se, até o momento, nas microrregiões do vale do Ipanema e do Vale do Ipojuca. O estudo dessa tradição pictórica vem sendo desenvolvido através da continuidade das pesquisas em outras áreas do Estado, onde encontrou-se uma grande incidência de sítios, o que nos levou a ampliar cada vez mais as áreas de pesquisa.

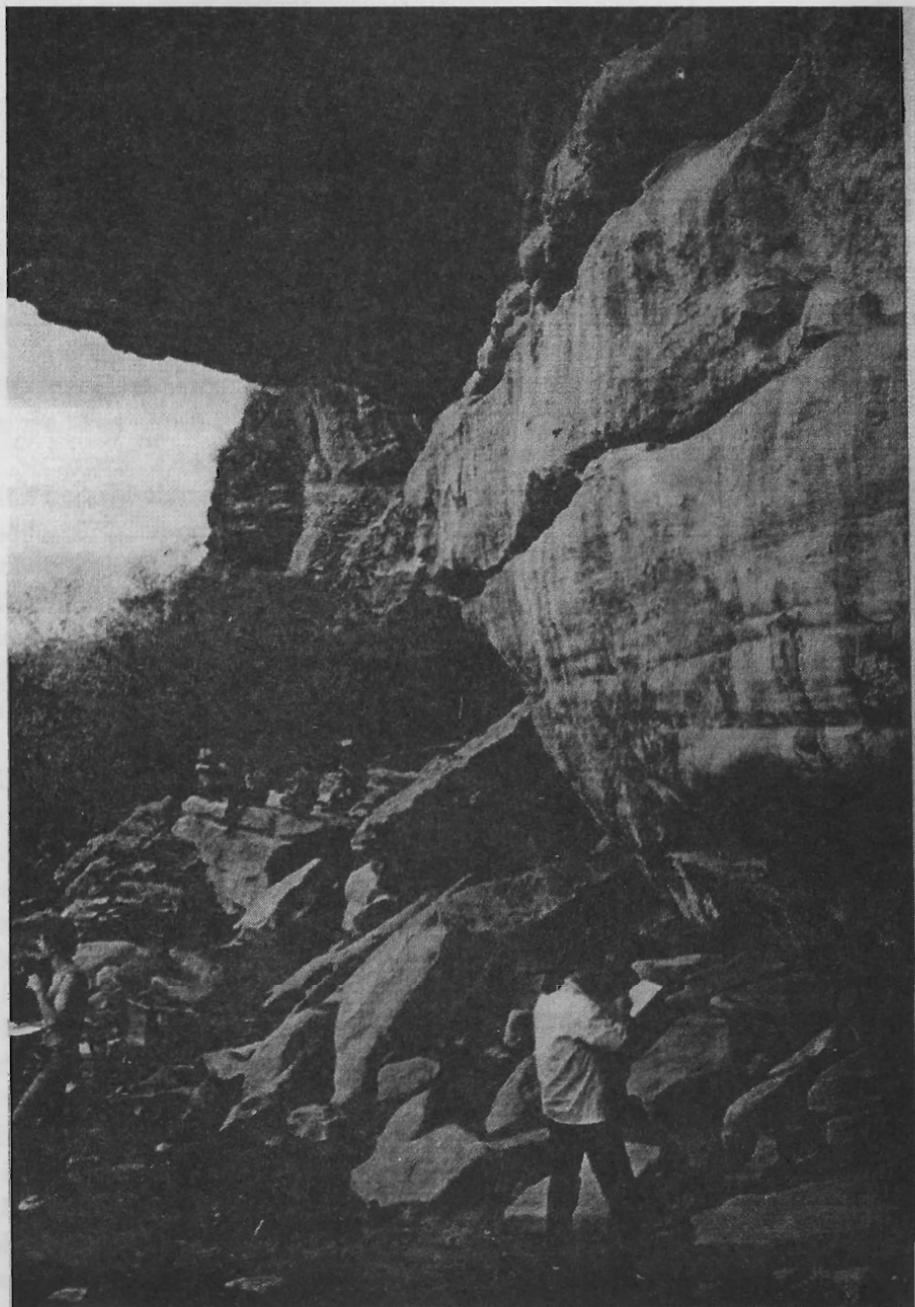


Figura 1. Vista panorâmica do Sítio Alcobaça, Buíque, PE.

Pelos dados que até o momento conhecemos, os grupos humanos "Agreste" de Pernambuco partilhavam de um clima semi-árido parecido com o atual, como as cronologias conhecidas indicam. Contando com poucos recursos hídricos, suas estruturas aparecem agrupadas em limites reduzidos, formando pequenos grupos dependentes de uma fonte d'água que limitaria, também, o número de indivíduos e o entorno do seu "habitat".(G. Martin, 1996)

Para que possamos chegar ao conhecimento do universo humano da pré-história, assim como detectar as mudanças sociais ocorridas, precisamos ampliar as pesquisas e analisar os vestígios da cultura material, estabelecendo comparações entre as diferentes tradições culturais e dando ênfase especial ao estudo das estruturas arqueológicas, tratando de entender o sítio ou os sítios arqueológicos como "habitat" de um grupo humano, do qual a cultura material é apenas uma parte.

As pesquisas arqueológicas que estão sendo desenvolvidas no sítio Alcobaça tem por objetivo a obtenção de um maior número de informações sobre a cultura dos grupos pré-históricos que o habitaram, de modo a poder-se contextualizar essas informações dentro do quadro mais amplo da região. A necessidade do estudo desse sítio é, no momento, de importância fundamental para que se possa estabelecer linhas mais convergentes de problemas específicos que tangem a problemática do povoamento da região. Quem eram esses grupos e de onde vieram ? Como se processou o desenvolvimento cultural na região ? Quais as estratégias específicas de sobrevivência por eles adotadas ? Podemos falar de uma tradição única ou de tradições que coexistiram e que se influenciavam mutuamente ? A cultura material parcialmente resgatada durante a pequena sondagem no sítio nos apresenta uma riqueza na variedade dos vestígios, que apontam promissores resultados relativos ao conhecimento do cotidiano pré-histórico, como também permite de forma mais direta o relacionamento do contexto arqueológico encontrado sob o sedimento com aquele oriundo do contexto pictural, fornecendo do ponto de vista inicial possíveis relações cronológicas, ao menos em parte entre esses dois conjuntos de vestígios.

A região na qual o sítio Alcobaça está inserida, encontra-se no semi-árido do Estado de Pernambuco, na microrregião de Arcoverde, município de Buíque, distrito de Carneiro, nas coordenadas de 8° 32' 24" Sul e 37° 11' 39" Oeste. Apresenta como características geo-ambientais a presença de áreas sedimentares, nas quais observam-se a ocorrência de numerosos abrigos sob-rocha, muitos dos quais são sítios arqueológicos, formados na

maioria das vezes pela ação eólica e por desagregação físico-química das rochas. Estas áreas estão incluídas na bacia sedimentar do Jatobá, onde percebe-se uma tendência da atuação de clima mais ameno e precipitação mais regular do que o seu entorno, principalmente relacionada com a cotas altimétricas mais elevadas, fazendo com que apresente áreas de "brejos", onde a presença de olhos d'água persiste mesmo nos meses mais secos do ano. A vegetação dominante é a caatinga arbórea, porém nos locais mais elevados, com mais de 900 m de altitude em relação ao nível do mar, nota-se uma tendência à formação de vegetação de porte mais elevado, havendo áreas onde, ainda hoje, aparecem concentrações de palmáceas.

O sítio arqueológico Alcobaça é um abrigo em rocha arenítica situado em um paredão rochoso, com a configuração de um pequeno anfiteatro, no qual encontram-se pinturas rupestres, ocupando um painel com mais de 40 metros de comprimento e largura variando entre 2 e 3 metros. Ocorre em toda a sua extensão blocos caídos, e em alguns deles vê-se a presença de pinturas e gravuras rupestres.

Do ponto de vista topográfico o abrigo, com sua face voltada para sudoeste, está localizado na entrada de um vale em forma de ferradura, onde ao fundo se encontra uma fonte de água. O sítio encontra-se na cota de 800m em relação ao nível do mar. A vegetação circundante é a caatinga arbórea, podendo-se observar nas imediações do sítio que esta se torna mais exuberante em função da existência de água, sendo que em alguns trechos esta encontra-se substituída por plantações de palma, milho e feijão.

No painel de pinturas, situado na parede do abrigo, observa-se a concentração dos grafismos aproximadamente no centro do sítio, sendo muitos deles sobrepostos; outros deteriorados por ação de desprendimento natural da rocha, cobertura de pátina, ação eólica e alguns poucos por ação antrópica, porém o estado geral de conservação do sítio é bom.

A maioria dos grafismos não são reconhecíveis e os reconhecíveis são raros, sendo estes com formas humana e animal. É grande a variação dos grafismos não reconhecíveis, sendo eles circulares com pontos no interior, labirintos, círculos concêntricos, linhas em espiral e quadrados concêntricos, entre outros.

Nos grafismos sobrepostos verificamos que em alguns trechos do painel chega a ser impossível a identificação dos mesmos por meios convencionais (cópia, fotografia, filme), haja vista o nível de sobreposição das pinturas.

Notamos no lado noroeste do sítio, que existem grafismos situados ao nível do solo e alguns adentrando no sedimento, observamos também a caída de blocos do paredão pintado e nesses blocos caídos encontramos a continuação dessas pinturas; nas cicatrizes provenientes da queda desses blocos houve o aproveitamento dessas áreas para a elaboração de novas pinturas, mostrando claramente com isso dois períodos distintos de elaboração de grafismos. É também interessante assinalar as diferenças na cor e na textura das tintas. Com a análise físico-química dos pigmentos, teremos mais elementos para a distinção entre as pinturas.

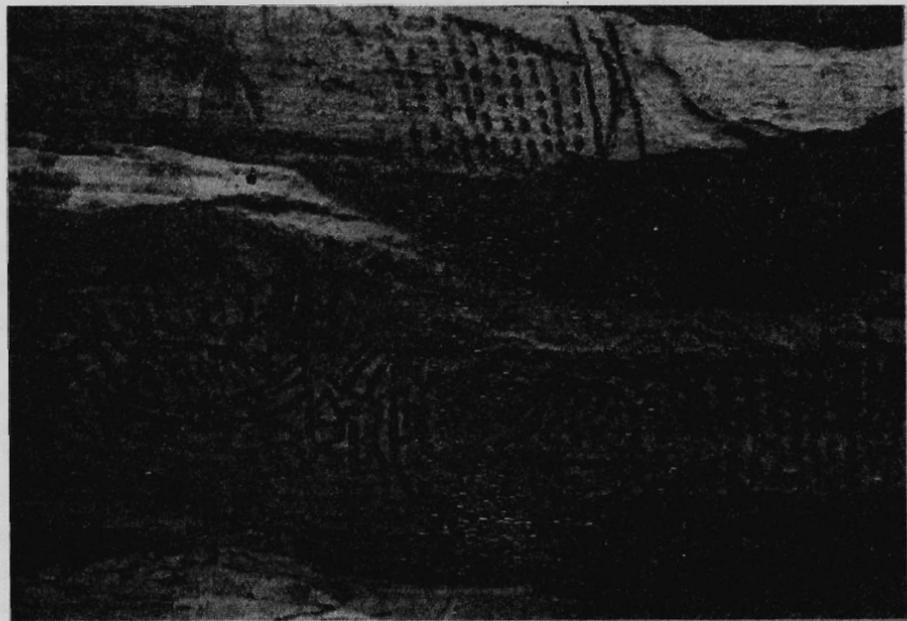


Figura 2. Pinturas rupestres do sítio Alcobaça, Buíque, PE.

Outro ponto a ser analisado são as diferentes técnicas de elaboração das pinturas, pois observamos grafismos pintados com pincéis finíssimos, outros realizados com bastões de ocre, com os dedos e com espátulas.

Com relação às tintas, verifica-se a utilização, na maioria dos grafismos, de tinta de cor vermelha de diferentes tonalidades, e em menor número na cor preta, amarela e branca. Quanto a fonte de matéria-prima, para os pigmentos, localizamos uma de ocre a cerca de 20 metros de distância do sítio.

Antes de iniciarmos a escavação, foi realizado o levantamento topográfico de todo o sítio na escala de 1:50, a fim de obter-se um plano de

topo e um perfil, para poder posicionar todo o material arqueológico procedente da escavação, tanto no sentido horizontal como no vertical.

Nesta primeira fase da pesquisa iniciou-se a escavação de uma quadrícula de 2 x 2 m, como sondagem prévia para conhecer a cronostratigrafia e o tipo de material arqueológico existente neste sítio. Essa quadrícula faz parte da trincheira de sondagem que será realizada no sítio. Essa trincheira foi escolhida numa área que pudesse fornecer o maior número de informações sobre o processo de formação do sítio, considerando um corte no sentido leste-oeste. A área selecionada para a escavação levou também em consideração a presença de grafismos parcialmente soterrados, a presença de blocos caídos com restos de pinturas e gravuras rupestres, e por tratar-se de um local preservado. Nesse setor encontrava-se coberto pelo sedimento, parte de uma figura pintada na parede do abrigo. Acredita-se que poderá ser obtida uma datação aproximada para o período em que foi realizada a pintura.

A sondagem revelou a presença de uma sepultura com enterramento secundário, onde os ossos apresentam-se parcialmente cremados, tendo alguns deles vestígios de pigmento vermelho, associado a ocorrência de diversos tipos de vestígios arqueológicos. Essa sondagem permitiu-nos avaliar o potencial do sítio Alcobaça, de modo a programar uma escavação extensiva no sítio.

Esse setor foi escavado por decapagens dos níveis naturais de acordo com a presença dos vestígios arqueológicos. Foram identificadas, nesta primeira fase de escavação, três camadas arqueológicas, descritas a seguir no sentido do topo para a base.

A primeira, denominada de Camada 1, composta basicamente por fezes de mocó, misturado com cascas de coquinhos de vários tipos, junto com o sedimento resultante da decomposição da rocha matriz. Nela aparecem fragmentos esparsos de ossos de animais e caramujos, fragmentos de corda, gravetos de madeira. É uma camada muito compacta, que parece ter sido bastante pisoteada. Nessa camada aparecem duas pequenas áreas de concentração de carvão, caracterizando pequenas fogueiras. Delas foram coletados carvões para datação. Contudo, parece tratar-se de fogueiras recentes feitas por caçadores atuais. Observa-se através do corte que as fogueiras não atingiram a camada seguinte, possuindo uma profundidade de 10 cm que corresponde aproximadamente a espessura dessa camada.

A segunda, a Camada 2, composta por um sedimento arenoso, mais solto, na qual ocorre uma alta frequência de fibras vegetais que fazem parte

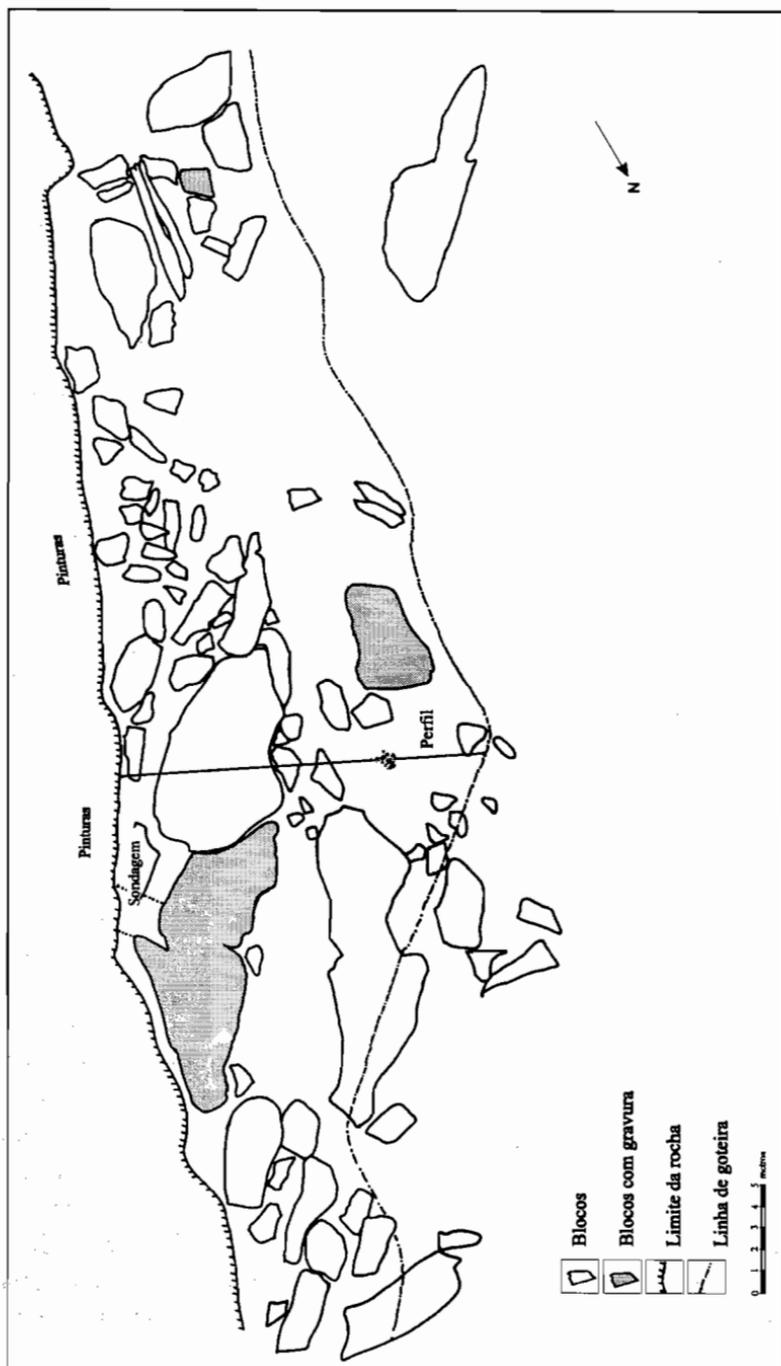


Figura 3. Planis do Sítio Alcobaça, Buíque, PE.

de sua composição. Entre os vegetais observa-se folhas, cascas de coquinho, fibras de palmeiras, entre outros. Nessa camada começa a concentração de vestígios arqueológicos, onde aparece em sua base o início do sepultamento número 1. Nesta camada observou-se a presença de várias manchas com cinzas, uma das quais representa a base da fogueira número 2, onde aparece um batedor, e duas áreas com concentração de carvão: fogueiras 3 e 4. Ocorre também a presença de fibras vegetais, ossos de animais queimados, insetos, e restos malacológicos.

A terceira camada identificada como Camada 3, é constituída por sedimento arenoso e solto, onde observou-se a ocorrência de manchas de várias tonalidades resultantes da ação de fogueiras, com grande acúmulo de cinzas e a presença de restos vegetais bem como de penas de aves. Nesta camada encontrava-se inserido o sepultamento número 1. Trata-se de um sepultamento secundário com nítidos sinais de cremação, apresentando-se os ossos parcialmente carbonizados e sem nenhuma conexão anatômica, em alguns deles pode-se observar restos de pigmento vermelho. Abaixo dos ossos encontrou-se um fragmento de óxido de ferro com sinais de uso. Próximo a este sepultamento evidenciou-se um fragmento de cerâmica, fibras vegetais (casca de coco, folhas, coquinhos e um pedaço de material vegetal trançado) e um pilão em pedra. Isso significa que os ossos foram cremados no nível anterior ao período de deposição do pilão, podendo este, até certo ponto, marcar um nível de ocupação pré-histórica. A escavação da sondagem foi interrompida após a retirada desses vestígios arqueológicos, estando programada a continuação dos trabalhos com a abertura de uma trincheira.

Duas das amostras de carvão recolhidas, pertencentes ao nível do sepultamento, foram datadas pelo Carbono 14 em 1.766 ± 24 B.P (CSIC 1026), esta amostra é relativa aos restos de madeira carbonizada utilizada para efetuar a cremação dos ossos humanos e 1.785 ± 49 B.P (CSIC 1070), amostra relacionada com uma pequena fossa onde estavam depositados restos de fibras vegetais trançadas e um fragmento de cerâmica.

Podemos adiantar que este sítio Alcobaça possui um grande potencial arqueológico. No Nordeste são raros os sítios onde o nível de conservação é tão bom, dessa forma as escavações intensivas poderão fornecer dados que servirão de referência para o estudo de outros sítios na área, o estabelecimento de relações entre os grupos humanos pré-históricos oriundos do sudeste do Estado da Paraíba com os grupos humanos do noroeste do Estado de Pernambuco, procurando-se delimitar as áreas de

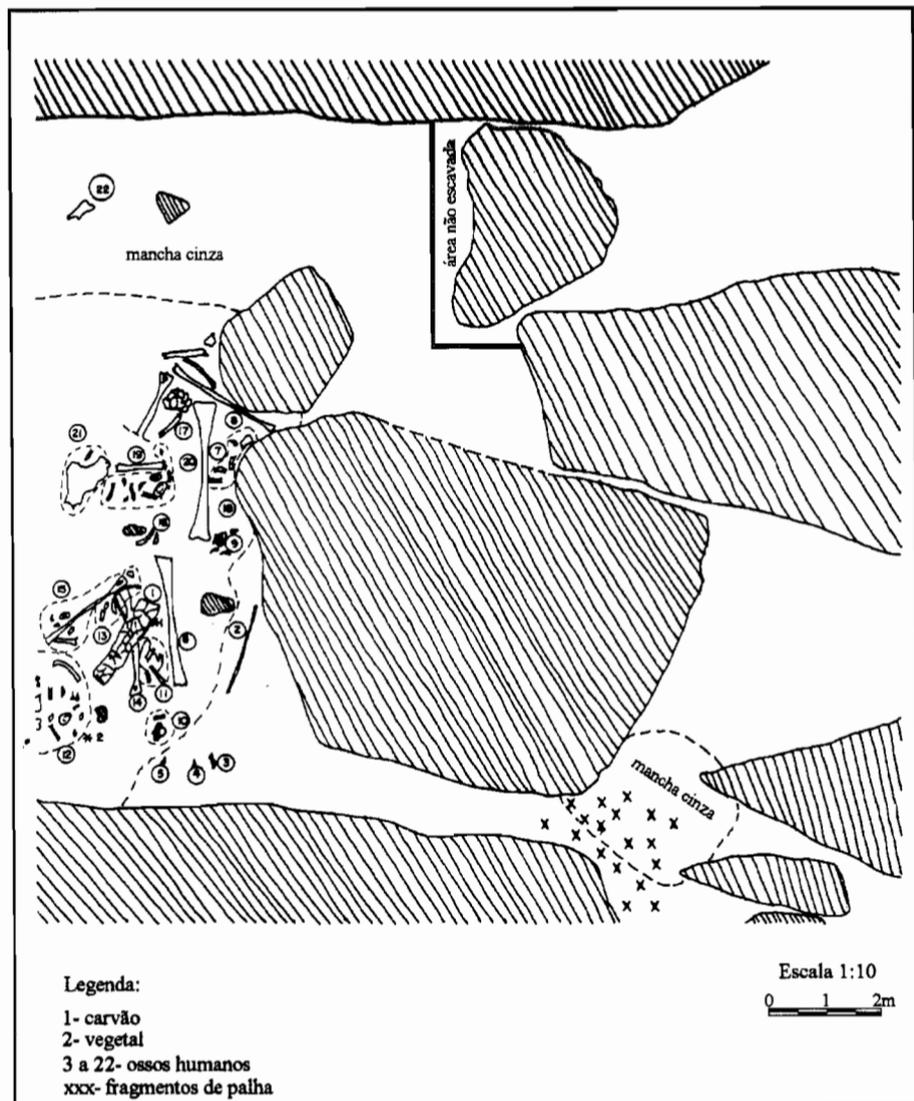


Figura 4. Planta-baixa do sepultamento n. 1, e a distribuição dos vestígios associados.

ocupação desses grupos humanos, podendo fornecer subsídios para se traçar algumas linhas da pré-história no Nordeste do Brasil.

Esses estudos nos ajudarão também a determinar quais os grupos humanos autores das diversas manifestações rupestres, que reunimos sob a designação de tradição Agreste.

✉ Universidade Federal de Pernambuco-Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em História - Núcleo de Estudos Arqueológicos
Av. Acadêmico Hélio Ramos, s/n - Cidade Universitária - Recife - PE - Brasil
CEP. 50.560-901 ☎/FAX - (081) 271-8292
e mail - sluna @npd.ufpe.br
alno @npd.ufpe.br

Abstract:

The Alcobaça, Buique Archeological Site - Pernambuco - First Results.

This is a preliminary report related to the archeological site of Alcobaça, located in the municipality of Buique, State of Pernambuco, Brazil. In the first phase a topographic survey was effected on the rock art paintings and test-pits made to determine archaeological potential, as well as the chronostatigraphy of the site. The material collected is formed by plants remains (entwined fibers, palmaceous endocarp, bottle gourd fragments, charcoal remains), animals vestiges (bones, feathers, insects, etc.) ocher fragments, pottery fragments, stone pestle, quartz crusher and a graveyard containing partially carbonized human bones. The datings obtained from the collected charcoal in the tombs are 1.766 ± 24 B.P (CSIC 1026) and $1.785 + 49$ B.P. (CSIC 1070)

Key Words : *Brazilian Northeast Prehistory; rock art graphisms, site, graveyard*

Referências Bibliográficas

- AB'SABER, Aziz Nacib. (1989). Páleo-climas quaternários e pré-história da América Tropical. Anais da IV Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira - SAB. *Dédalo*, n.1. (Publicações Avulsas). São Paulo, MAE-USP, p. 9-26. (Acompanha o artigo - uma relação bibliográfica intitulada: O ambiente na pré-história da América Tropical: uma bibliografia).
- AGUIAR, Alice. (1982). Tradições e estilos na arte rupestre no nordeste brasileiro. *CLIO, Revista do Curso de Mestrado em História*, n.5. Recife, UFPE, p.91-104.
- _____. (1987). *A Tradição Agreste em Pernambuco. Análise de 20 sítios*. Recife, Sociedade de Arqueologia Brasileira, 233p.

- _____. (1991). Meios de sobrevivência entre os pintores da Tradição Agreste em Pernambuco. **CLIO - Série Arqueológica**, n.4, extraordinário. Anais do I Simpósio de Pré-história do Nordeste Brasileiro, (1987, Recife). UFPE, p.147-148.
- ALVES, Cláudia; LUNA, Suely; NASCIMENTO, Ana. (1994). Levantamento arqueológico da bacia sedimentar do Jatobá, PE. **Revista de Arqueologia**, v.8, n.1, Anais da VII Reunião da Sociedade de Arqueologia Brasileira-SAB. São Paulo, p.109-116.
- ANDRADE, Gilberto Osório e Lins, Rachel Caldas. Introdução ao estudo dos brejos pernambucanos. **Arquivo do Instituto de Ciência da Terra**, n.2, out.Recife, 1964.
- LEAL, José de M. & MELO, José Geraldo de. (1983) **Bacia Sedimentar de Jatobá - PE (estudo hidrogeológico)**. Recife, SUDENE - DRN.
- LUFT, Vladimir. (1990). **A Pedra do Tubarão: um sítio da tradição agreste em Pernambuco**. Recife, Dissertação, Mestrado em História, UFPE, p.136, il.
- LUFT, Vladimir.; AGUIAR, ALICE. (1990). A Tradição Agreste. Escavações arqueológicas no sítio Pedra do Letreiro, Venturosa, PE. Anais da V Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira-SAB. **Revista do CEPA**, v.17, n.20, Santa Cruz do Sul, p.79-85.
- MARTIN, Gabriela. (1988). Prehistória del nordeste de Brasil: estado actual de la investigación. **Anuario de Prehistória Levantina**, n.17. Valencia (Espanha), p.49-80, il.
- _____. (1994). Registro rupestre e registro arqueológico do Nordeste do Brasil. **Revista de Arqueologia**, v.8, n.1, Anais da VII Reunião da Sociedade de Arqueologia Brasileira-SAB. São Paulo, p.291-302.
- _____. (1996). Pré-história do Nordeste do Brasil. Ed Universitária, Recife, 1996.
- MARTIN, Gabriela; AGUIAR, Alice; ROCHA, Jacionira. (1983). O sítio arqueológico Periperi em Pernambuco. **Revista de Arqueologia**, n.1. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, p.30-39, il.
- OLIVEIRA, Lucivânio Jatobá de. (1986). Compartimentação Geomorfológica da Folha de Garanhuns. Recife, UFPE, Departamento de Ciências Geográficas, 118 p., il. (Dissertação de Mestrado).
- PESSIS, Anne-Marie. (1992). Identidade e classificação dos registros gráficos pré-históricos do nordeste do Brasil. **CLIO - Série Arqueológica**, n. 8. Recife, UFPE. p.35-68.
- _____. (1993). Registros rupestres, perfil gráfico e grupo social. **CLIO - Série Arqueológica**, v.1, n.9. Recife, UFPE, p.7-14.
- PESSIS, Anne-Marie ; GUIDON, Niéde. (1992). **Registros rupestres e caracterização das etnias pré-históricas**. Lux Vidal (org.), Grafismo Indígena, São Paulo, Studio Nobel, FAPESP, EDUSP, P.19-33.